

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ARMANDO LINDOLFO BARROS

CLUBE DOS RICOS:

Do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção social do cassino 24 de Janeiro (1914-1945).

Parnaíba - PI
2010

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M 778
CDD 981.228.
CUTTE B 277 C.
V EX. 01.
Data 05/07/12
Visto AP 2010

ARMANDO LINDOLFO BARROS

ARMAÑDO LINDOLFO BARROS

**CLUBE DOS RICOS:
Do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção
social do cassino 24 de Janeiro (1914-1945).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Estadual do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, sob a orientação do prof. Marcos Antonio de Carvalho.

Parnaíba – PI
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO
HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

B277c Barros, Armando Lindolfo

Clube dos Ricos: do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção social do cassino 24 de Janeiro (1914-1945) / Armando Lindolfo Barros. – Parnaíba: 2010.
46 f.

Trabalho apresentado como um dos pré-requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba - 2010.

Orientador: Prof. Marcos Antonio de Carvalho.

1. Parnaíba -- História. 2. Economia Parnaibana. 3. Cassino 24 de Janeiro. I. Título.

CDD – 981.228

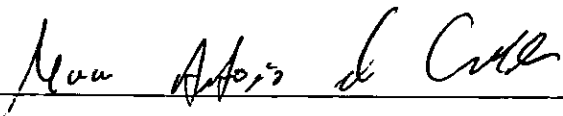
ARMANDO LINDOLFO BARROS

**CLUBE DOS RICOS:
Do crescimento econômico parnaibano ao luxo, requinte e distinção
social do cassino 24 de Janeiro (1914-1945).**


Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura Plena em História, à
banca examinadora da Universidade
Estadual do Piauí.

Aprovada em 22/07/2010

Banca Examinadora



Prof. Marcos Antonio de Carvalho



Prof.ª Elys Regina de Oliveira Lima



Prof. M.s. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior

Dedico a minha mãe e a minha noiva que foram os meus incentivadores, e ao meu pai que tanto me apoiou em vida.

AGRADECIMENTOS

À minha família pelo apoio financeiro e moral que me possibilitou alcançar meus objetivos pessoais.

À minha noiva, Leane, por estar ao meu lado dando força moral para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de turma Alexandre, Leonardo, Francisco das Chagas, dentre outros, dos quais as conversas e as discussões me ajudaram para a concretização deste trabalho.

À todos os professores que tive durante o curso, que de uma forma ou de outra contribuíram com a minha formação.

Aos funcionários e estagiários do Instituto Histórico e da Academia Parnaibana de Letras pela ajuda quando da busca por fontes.

A maneira mais segura de estragar um jovem é incitá-lo a estimar mais quem pensa como ele do que quem pensa diversamente.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Este trabalho trata da constituição do cassino 24 de Janeiro como símbolo da *sociedade* parnaibana. O período estudado compreende desde o início da Primeira Guerra Mundial ao término da Segunda (1814-1945), período em que a economia da cidade cresce abruptamente, ocasionando o surgimento de uma elite que transformará as práticas cotidianas da cidade. Procuramos entender como se dá a transformação do cassino em símbolo do período, e para isto o momento econômico vivido em Parnaíba foi fundamental para tal feito. Por isso discorreremos da economia e das mudanças ocorridas, que possibilitaram a fundação do clube, enquanto lugar convertido em mecanismo de exclusão social e unificador de uma identidade parnaibana. As memórias elevam o clube a um patamar inimaginável em outro espaço, nos mostrando, nos mais ínfimos detalhes, o poder simbólico do clube. Buscamos então compreendê-lo como lugar de legitimação e distinção de um grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: História; Cassino 24 de Janeiro; Símbolo.

ABSTRACT

This work deals with the constitution of the casino January 24 as a symbol of society parnaibana. The period studied extends from the beginning of World War I at the end of the Second (1814-1945), during which the city's economy grows abruptly, causing the creation of an elite that will transform the daily practices of the city. We seek understands best how is the transformation of casino in the symbol period, and for this the economic moment lived in Parnaíba was essential for such a feat. So we talked the economy and the changes that made possible the founding of the club, while spot turned into a mechanism of social exclusion and a unifying identity parnaibana. The memories bring the club to a level unimaginable in another space, showing us in more detail informing you finish the symbolic power of the club. We seek then to understand it as a place of distinction and legitimation of a social group.

KEY WORDS: History; Casino 24 de Janeiro; Symbol.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Convite da festa de posse da diretoria de 1937	31
Figura 2 – Cassino 24 de Janeiro em uma de suas festividades	33
Figura 3 – Foto da elite em torno do salão do cassino	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exportação da cera de carnaúba e amêndoas de babaçu.....	17
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP – Associação Comercial de Parnaíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 NAS ONDAS DO PROGRESSO: DA CARNAÚBA ÀS PORTAS DO CASSINO 24 DE JANEIRO.....	15
2.1 A economia	16
2.2 A elite.....	19
2.3 A influência estrangeira	25
2.4 Modernização.....	26
3 CLUBE CASSINO 24 DE JANEIRO: A CONSTRUÇÃO DE UM SÍMBOLO DA <i>SOCIEDADE</i> PARNAIBANA	30
4 CONCLUSÃO	41
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	43

1 INTRODUÇÃO

Fascínio, paixões, saudades, ostentação de riqueza, estão contidos nos relatos sobre o cassino 24 de Janeiro, clube fundado em 1925, mas que ultrapassa o tempo, através das memórias daqueles que vivenciaram os bailes do clube, principalmente os chamados “a rigor” que eram proporcionados por seus sócios. De início não poderíamos afirmar se tal situação era realmente estabelecida, se o clube em seu *aqui e agora* deslumbrava a *sociedade* parnaibana como percebemos na memória dos frequentadores remanescentes do cassino ou se estas lembranças eram a busca de uma identidade perdida (LE GOFF, 1990, p. 477), e assim o clube só teria adquirido um significado simbólico nesta busca.

São estas memórias que nos intrigaram para a execução de nosso trabalho. São a partir delas que procuraremos refletir sobre a constituição do clube como um símbolo daquela *sociedade*.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1990, p. 424).

Quando referimo-nos ao termo *sociedade*, assim em destaque, tratamos daqueles que tinham certa riqueza, mesmo que não fosse suficiente para desfrutar do *status* de sócio do clube. Pois os pobres e bairros dos quais moravam não faziam parte desta “cidade dos ricos”

O Cassino 24 de Janeiro, não será simplesmente um clube, mas um lugar de admiração e distinção social, que aproximava e ao mesmo tempo distanciava a *sociedade* parnaibana: aproximava pela admiração e o desejo que causava sobre a elite e as pessoas que almejavam um *status* condizente com a posição do clube, e até mesmo sobre àqueles que brigavam por um lugar no “sereno”; afastava no sentido de que apenas os sócios e seus convidados poderiam participar dos bailes “a rigor”, fechando-se num “clube dos ricos”.

Devemos estar cientes, que os bailes que fascinavam a *sociedade* e que deixaram suas marcas na memória parnaibana são os proporcionados pela elite sócia do clube, pois outras festividades também eram realizadas no mesmo espaço, estas mais “abertas” a um público rico.

Baile na
Casa Inglesa

Para a execução de nosso trabalho, achamos necessário, contextualizar o momento referente à fundação do clube, pois as condições econômicas que presidiram a sua formação são fundamentais para a definição de suas características enquanto lugar de *legitimação e símbolo* de um grupo social. Pois ~~“a realidade é fragmentada e é o discurso que procura dar ordem, mas em múltiplas combinações. Mediando as partes com o todo, os sujeitos com o social, o sensível com o racional. O singular com o universal”~~ (PESAVENTO, 2004, p.70).

Esta necessidade se dá pela própria *cultura erudita*, adquirida a partir do crescimento econômico da cidade, que possibilitou a afirmação de um grupo social em posição de superioridade, criando um sistema de hierarquização social, e o cassino passa a funcionar como *instituição de legitimação por excelência*, através de um poder invisível, simbólico.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Assim em nosso primeiro capítulo discorreremos sobre o momento econômico vivenciado em Parnaíba, que foi responsável por uma mudança substancial nas relações sociais na cidade. Sendo o período entre 1914 e 1945 fundamental para a consolidação do crescimento econômico regido pela exportação de produtos advindos do extrativismo vegetal e principalmente a cera de carnaúba. Vindos de outras regiões do Piauí, através do rio Parnaíba, estes, encontravam na cidade de Parnaíba a porta de saída para então chegar à Europa e aos Estados Unidos. Comércio este realizado pelos “vapores” que “subiam e desciam” o rio Parnaíba, fazendo assim, não só o transporte dos produtos a serem exportados, mas também dos importados, como máquinas, roupas, bebidas, etc..

Por conta desta grande movimentação de entrada e saída de mercadorias, Parnaíba transforma-se num entreposto comercial de grande relevância para a economia do Estado do Piauí, isto faz com que uma pequena parcela da sociedade parnaibana enriqueça, além, é claro, de atrair comerciantes de outros lugares. Esta parcela enriquecida é outro ponto a ser tratado em nosso trabalho, pois é ela quem funda, e por isso legítima e é legitimada pelo cassino. Neste trabalho, utilizaremos o termo *elite*, para distinguirmos este grupo dos demais. Tendo em vista que o conceito de elite significa um grupo privilegiado,

que possui signos sociais que lhe atribuem um *status* de superioridade (HEINZ, 2006, p. 7-8).

~~Este crescimento econômico possibilita ainda um crescimento cultural, pela própria aproximação com a cultura européia, e com os estrangeiros que modificaram os hábitos cotidianos da cidade.~~ Outra questão a ser discutida é o desejo da elite em transformar Parnaíba numa cidade moderna, acompanhando o processo de modernização de grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro, São Paulo, etc..

No segundo capítulo o foco é o próprio cassino. Sua fundação; o deslumbre que causava sobre a *sociedade*; a cultura produzida pela elite e para a elite, sobre a tutela da invariabilidade, e de práticas fixadas numa formalização e ritualização, a partir do, e no clube, e assim *inventando novas tradições* (HOBSBAWN, 2006, p. 10).

Por último, procuraremos elucidar, sob os conceitos de Pierre Bourdieu, como o clube transforma-se em *símbolo* daquela *sociedade*. E o que lhe atribuía, diante de outros espaços sociais, tal signo.

2 NAS ONDAS DO PROGRESSO: DA CARNAÚBA ÀS PORTAS DO CASSINO 24 DE JANEIRO.

*Heroica Parnaíba, esse teu nome
Imenso no Nordeste Brasileiro,
Tem tradições que o tempo não consome,
Há de viver nos tempos altaneiro!
(...)
Salve! sim, terra heroica, sempre altiva,
Que concentra, decerto, a força viva
Do Comercio – alavanca do futuro!¹*

“Parnaíba, norte do Brasil”. Assim escreviam-se nas correspondências entre a cidade de Parnaíba e o exterior nos tempos áureos. Tempos em que a cidade ostentava a situação de entreposto comercial do Piauí e, por isto, detinha um grande poder econômico, o que a colocava como uma das mais importantes cidades no cenário econômico, comercial e cultural do Estado do Piauí, e porque não dizer, do Brasil.

Esta situação, conquistada a partir da segunda metade do século XIX – tendo na primeira metade do século XX o ponto culminante deste comércio, através do extrativismo vegetal – é em consequência, tanto de sua posição geográfica, como também, e principalmente, pelo próprio esforço dos comerciantes locais, que em busca de aumentar suas riquezas desenvolveram as condições necessárias para a realização de um intenso comércio com o exterior. “(...) Parnaíba consolida-se (...) como importante centro do comércio internacional, graças ao espírito empreendedor de suas lideranças empresariais, estimulado certamente por ter a oportunidade do contato com o *resto do mundo*” (MENDES, 1995, p. 73).

Contato que favorecera ao crescimento do comércio entre Parnaíba e o exterior, possibilitando um caminho fértil para o desenvolvimento econômico e cultural de uma parcela da sociedade parnaibana, proporcionando, por isso, um status de riqueza e beleza à cidade a nível nacional e internacional, e assim, atraindo brasileiros e estrangeiros para desfrutarem dessa opulência.

Este momento econômico vivido pela cidade e por um pequeno grupo alavanca um processo de modernização que se fará visível no espaço urbano, pois uma cidade que

¹ Poema de Pedro Brito, Almanaque da Parnaíba de 1933, p. 206.

progredir como Parnaíba, não poderia ficar à margem do que estava ocorrendo em outras grandes cidades do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro, dentre outras.

As mudanças se faziam presente na arquitetura; no traçado urbanístico; no cotidiano, com a assimilação de novos hábitos; nas novas formas de lazer (cinema, rádio, clubes). Parnaíba que já era vista de forma diferenciada das demais cidades piauienses, torna-se cada vez mais admirável, por sua riqueza, beleza e *sua gente*.

Beleza e riqueza que poderiam ser percebidos nos glamorosos bailes do clube cassino 24 de Janeiro, que guardaram na memória de seus frequentadores um misto de sentimentos e sentidos, um estado físico/mental que ultrapassa o ser e o tempo.

2.1 A economia

O comércio da cidade intensifica-se no início do século XX, através da exportação de produtos advindos do extrativismo vegetal, como a borracha da maniçoba, a cera de carnaúba, a amêndoa do babaçu, etc., e por consequência das riquezas geradas com esta exportação, cresce também a importação de produtos manufaturados: máquinas, tecidos, ferramentas, etc., que eram comercializados em grande parte das cidades do Piauí, tendo o rio Parnaíba como via principal para o transporte destes produtos manufaturados e dos produtos a serem exportados. Por isso, as cidades que mais se desenvolviam eram as que estavam às margens do rio, como observa José Luis Lopes Araújo:

Boleões faziam a coleta
dos produtos
nas cidades
que se
localizavam no
longe do rio PIAI

A via de transporte mais eficiente era o rio Parnaíba que além de navegável em todo o curso, corre ao lado de toda a área produtora. Decorrente de tal situação, cidades que se encontram situadas às suas margens viveram época de intensa atividade comercial (...), como é o caso de Parnaíba, Luzilândia e Floriano (2008, p. 200).

É no período que se estende desde o início da Primeira Guerra Mundial ao término da Segunda Guerra (1914-1945) que iremos encontrar um grande surto econômico na cidade, ocasionado pelo comércio da cera de carnaúba com o exterior, tendo como maiores importadores do produto os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Alemanha. Sendo que antes da Primeira Guerra mundial a Alemanha era o principal exportador. Após o término da Guerra esta posição passa a ser dos Estados Unidos. De acordo com Teresinha

Queiroz a cera de carnaúba ganha importância no cenário econômico piauiense entre os anos de 1913 e 1914, exatamente por causa da Guerra.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial abriram-se novas perspectivas para as exportações da cera, de que se conseguiu produzir um componente bélico – o ácido pítrico, de alto poder explosivo. Os altos preços então alcançados colocaram-na, a partir de 1914, como a principal responsável pela formação da receita do Piauí, superando inclusive a borracha [de maniçoba]. Essa primeira fase de pico das exportações teve apenas a duração da guerra. Entre 1920 e 1921, com a normatização do mercado, e por consequência, com a redução dos preços, o produto sofreu sua primeira grande crise (...) (QUEIROZ, 1998, p. 43).

Entre 1926 e 1930, as exportações da cera, pela Praça de Parnaíba, chegam a atingir a média anual de 2.713 toneladas, equivalentes a quantia de 10.985 contos de réis anuais (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1932, p. 167). Podemos observar na Tabela 1, as exportações dos dois principais produtos, cera de carnaúba e amêndoa do babaçu, no período de 1926 a 1930, onde podemos notar as oscilações do preço da cera de carnaúba no mercado, que davam instabilidade ao produto.

TABELA 1
PRAÇA DE PARNAÍBA
EXPORTAÇÃO DA CERA DE CARNAÚBA E AMÊNDOAS DO BABAÇU
(1926-1930)

Ano	Cera de carnaúba		Amêndoas do babaçu	
	Toneladas	Contos de réis	Toneladas	Contos de réis
1926	2.046	9.005	8.360	7.548
1927	2.698	13.108	13.077	10.615
1928	2.966	12.300	11.246	9.900
1929	3.089	11.552	6.112	4.425
1930	2.767	8.962	7.294	4.186

Fonte: Almanaque da Parnaíba, 1932, p. 167.

No período entre 1927 e 1932, a receita do Estado sofre uma pequena elevação, mesmo com a instabilidade no preço da cera. Entretanto, é a partir do final da década de 1930 até meados da década de 1940, que o estado do Piauí, e consequentemente Parnaíba,

vive um momento de franco progresso, tanto pela valorização de seus produtos no mercado nacional e internacional, como pelo seu desenvolvimento comercial.

Durante a Segunda Guerra Mundial a cera é responsável por cerca de 70% da arrecadação do Estado, fazendo com que o Piauí, nos anos de 1941 e 1942, ocupasse o 7º lugar no ranque das exportações do país (TAJRA; FILHO, 1995, p. 144).

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a exportação da cera de carnaúba entra em um processo de estagnação, causado pela junção de vários fatores: a diminuição das vendas para os Estado Unidos, que estavam preocupados em reconstruir a Europa; a entrada de produtos sintéticos no mercado e a conseqüente desvalorização da cera no mercado mundial. O fato de grande parte do capital adquirido ter sido investido em produtos importados, manufaturados, e a falta de investimentos no setor extrativo, visando uma melhor produtividade, contribuem, também, fortemente para o declínio da extração e exportação da cera de carnaúba.

O extrativismo vegetal, da maniçoba à carnaúba e ao babaçu, lançando o Piauí na corrente do comércio exterior, como exportador, exaure-se à falta de outras forças econômicas com as quais se correlaciona. É certo que, então, algumas cidades tomam sensível impulso (...). Todavia, isso representa muito pouco, tendo-se em conta a duração do ciclo a que corresponde. O Piauí continua agrário. E, economicamente, voltado para o exterior, isola-se do país.

Quando se fecha a fase extrativista, em virtude de fatores internacionais, no decênio de 1940/1950, começa outro período da história econômico-social do Piauí, a sua integração no processo de desenvolvimento brasileiro (BRANDÃO, 1995, p. 35-36).

Apesar do grande desenvolvimento econômico de algumas cidades piauienses, o Estado tinha sua economia dependente das atividades extrativas e com a desvalorização do preço da cera, as principais regiões de produção e exportação sofrem as conseqüências da retração econômica. A partir de então inicia-se um processo de transformação na economia da cidade de Parnaíba, passando de comercial para industrial.

Grande parte da riqueza que circulava na cidade vinha da exportação da cera de carnaúba. Os comerciantes parnaibanos – Casa Inglesa, Casa Marques Jacob, Pedro Machado S.A, dentre outros – compravam-na dos produtores piauienses e a vendiam para o exterior, desta forma tornavam-se os maiores beneficiados, e assim constituíam um grupo de grande poder econômico.

A partir de 1914, um grande número de casas comerciais, atraídas por essa riqueza, passam a ser fundadas ou estabelecidas na cidade: Poncion Rodrigues e Cia –

1915 (representações, despachos, reembarques), Mavignier e Cia – 1915 (representações, agências de vapores, seguros), “Westfal-Larsen Company Line” – 1924 (transporte marítimo). Estas são apenas algumas das várias que desenvolveram negócios na cidade. Podemos perceber, nos Almanaques da Parnaíba, o grande número de estabelecimentos comerciais, pela quantidade de propagandas existentes de casas comerciais residentes na Parnaíba, ofertando seus produtos e serviços, compras e vendas de mercadorias.

Assim, Parnaíba transforma-se, para alguns, em uma (cidade encantadora) onde as atividades comerciais desenvolvidas fazem respirar ares de progresso e aqueles que a observam de perto, no aqui e agora², que a representam a partir dos sons produzidos; dos tumultos de cargas e descargas no porto das barcas e nas ruas; da dinâmica social e da complexidade das relações visíveis e invisíveis, transformam-na em uma “cidade-mito, mito de progresso, de novo, de moderno. Mito que fascina” (NUNES; ABREU, 1995, p. 107). Esta cidade-mito é descrita da seguinte forma por Vicente Araújo, no Almanaque da Parnaíba de 1932:

Parnaíba não é uma cidade de futilidades: é a cidade do trabalho, da paz e do progresso; é a mola principal do Piauí; é a vida a cantar o hino do progresso no ruído dos automóveis, das máquinas industriais, no tumultuar das ruas, onde tudo se confunde, onde a miséria se ombréia com o fausto, o luxo com a modestia, e onde a atividade incessante dos que trabalham enxota a insolência dos vís (p. 71).

Este florescimento econômico é fundamental para o surgimento de um grupo social que será responsável pelas transformações ocorridas em Parnaíba no período estudado.

2.2 A elite

É neste contexto que respirava progresso, que encontraremos as transformações que terminam refletindo-se nas relações sociais, no cenário espacial da cidade (CORRÊA, 2002, p. 9) e o crescimento de um grupo que absorverá e monopolizará, não só os recursos econômicos, como também, as práticas, as normas sociais e os espaços, procurando por

² Termo utilizado por Walter Benjamin.

isso, inventar novas tradições que se transformam em símbolos de ostentação do poder, do luxo e do requinte daquela parcela da sociedade. Assim encontramos uma Parnaíba dividida entre a cidade e a não cidade, entre os ricos que residiam no centro, parte civilizada, de *gente de bem*, e os marginalizados, pobres que moravam em torno do centro: bairro Coroa Tucuns, Quarenta. Divisão visível, no sentido do descaso pelo poder público, das péssimas condições de vida e moradia, mas também invisível, pelo sentimento de superioridade guardado no íntimo de um grupo privilegiado, os caixeiros, “estes formavam a elite parnaibana. Tinham bons ordenados, boas casas residenciais, boa posição social” (FREITAS, 2007, p. 217). Caixeiros, assim eram chamados os comerciantes da cidade. É claro que não só estes formavam a elite parnaibana, sendo composta também por altos funcionários públicos, médicos, dentre outros.

Segundo o sociólogo Israel Roberto Barnabé, num artigo intitulado *elite, classe social e poder local*, que trata da *Teoria das elites* e suas relações com o conceito de classe social e suas contribuições para o estudo do poder local,

o termo ‘elite’ começou a ser empregado no século XVII (especificamente na França) designando produtos de qualidade excepcional, a ‘nata’ das mercadorias oferecidas à venda. Por volta do século XVIII, seu uso ampliou-se, incluindo a idéia de distinção em outros contextos, inclusive no social, denotando assim pessoas e grupos sociais superiores.

O termo difundiu-se a partir de 1930 através das teorias sociológicas das elites, principalmente aquelas dos autores do final do século XIX e início do XX, tidos como os ‘pais’ da teoria das elites, sendo eles os italianos Vilfredo Pareto (1848-1923) e Gaetano Mosca (1858-1941) e, num segundo mas não menos importante lugar, o alemão Robert Michels (1876-1936) (p. 2).

Em Flávio M. Heinz percebemos a dificuldade para definir “(...) o que se entende por elites, sobre quem são e sobre o que as caracteriza” (2006, p. 7). Também encontramos esta dificuldade para definir o grupo social do qual estaria caracterizado como a elite parnaibana e o que caracterizava esse grupo e não outro. Em nota de Heinz, citando Giovanni Busini, encontramos que o termo *elite*

(...) faz referência à ‘minoría que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça, o sangue etc.) ou de qualidades adquiridas (cultura, méritos, aptidões etc.). o termo pode designar tanto o conjunto, o meio onde se origina a elite (...), quanto os indivíduos que a compõem (...)’(2006, p. 7).

Ainda em Heinz, *elite*

trata-se, com efeito, de um termo empregado em um sentido amplo e descritivo, que faz referência a categorias ou grupos que parecem ocupar o ‘topo’ de ‘estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos’. Entende-se por esta palavra, segundo o caso, “os ‘dirigentes’, as pessoas ‘influentes’, os ‘abastados’ ou os ‘privilegiados’”. (...) As elites são definidas pela determinação de um certo poder ou então como produto de uma seleção social ou intelectual (...) (2006, p. 7-8).

A utilização do termo *elite* se dá em oposição à visão marxista de classes sociais em conflito. Em nosso trabalho, o termo será utilizado, também, com o intuito de fazer esta diferenciação, porém, não só por isso. A utilização de conceitos na historiografia atual é indispensável, pois é através destes procedimentos técnico-conceituais e metodológicos que se constitui a legitimidade da pesquisa em História.

Elite aqui, partindo dos conceitos anteriormente abordados, significa um grupo social que naquele momento ocupava um lugar privilegiado sobre a sociedade parnaibana, ou seja, o grupo que residia no *topo* da hierarquia social da cidade. Não diferenciaremos uma elite política de uma econômica ou intelectual, pois estas formavam um grupo maior, a elite social. No entanto, esta elite parnaibana reproduz-se de forma democrática³, pois permitia o ingresso de outros membros neste grupo. Claro que para isto estes novos membros teriam que possuir as condições sociais e pessoais inerentes ao “grupo superior”. Isto implica dizer que a elite estava aberta a novos membros, que com o crescimento comercial, enriqueciam ou vinham a residir na cidade, desde que fossem acolhidos com grande estima pela mesma.

Então é este grupo formado por caixeiros, políticos, altos funcionários públicos, médicos, advogados, intelectuais, dentre outros, possuindo em comum certa posição social, de superioridade através de uma *cultura erudita*, e aceitos socialmente, seja pelo nome da família ou pela riqueza que ostentavam, que fazem parte da elite da qual estamos tratando em nosso trabalho. Grupo este, constituído por famílias e pessoas que já estavam ou se estabeleceram em Parnaíba a partir de seu período de maior prestígio diante do cenário econômico piauiense, e até mesmo daqueles que enriqueceram com o comércio, contribuindo assim, para o crescimento da riqueza gerada na cidade; com as transformações ocorridas no espaço urbano; com a chegada de novas formas de lazer,

³ Fazemos aqui uma adaptação das formas de reprodução do poder das elites – democrática e aristocrática – segundo MALFATTI (DISPONÍVEL EM: <http://www.unifra.br/thaumazein/edicao2/artigos/ateoria.pdf>).

como o cinema, o rádio; e com a construção de espaços: praças, clubes, que lhe davam um “ar” de cidade moderna. Era o progresso chegando a todo vapor, transformando Parnaíba em uma cidade moderna.

A situação econômica da cidade foi fundamental para o aparecimento deste grupo seletivo, que aqui adquiriam ou aumentavam suas riquezas.

(...)
 Parnaíba,
 Mas você é uma peste de bonita!
 É uma cabocla muito interessante,
 Que vive trajando sêdas
 E gosta de usar brilhante!
 (...) (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1943, p. 157).

O poema, de R Petit, nos dá a idéia da riqueza que a cidade ostentava em decorrência de sua situação econômica e da elite dela crescente, passeando pelas ruas, com seus automóveis⁴, trajando vestimentas importadas, deliciando-se com o luxo exportado da Europa.

Este contexto econômico é fundamental para o progresso e mudanças que com ele são sugeridas, articuladas e realizadas, é fundamental também, para a constituição de alguns espaços, como o cassino 24 de Janeiro, enquanto lugar dos ricos, já que é exatamente pelo crescimento da riqueza da cidade e de um pequeno grupo de cidadãos parnaibanos que encontramos a possibilidade de existência do clube.

Quando referimo-nos a cidade, estamos falando da região dos armazéns e onde as famílias ricas residiam, pois o que estava em torno deste pequeno espaço, como os bairros da Coroa, Tucuns, Quarenta, não era bem visto pela elite e por isso “não fazia parte da cidade”. Havia, por isso, uma rigidez da segregação social em Parnaíba, as pessoas destes bairros não eram bem vistas, nem aceitas na *sociedade*⁵. O trecho a seguir, extraído do livro de Goethe Pires de Lima Rebelo, dá uma idéia da estrutura social existente, onde a elite ocupava o papel principal, atuando de forma rígida no trato aos demais membros da sociedade parnaibana.

Naquele Piauí da década de 30, a estrutura social da população da cidade de Parnaíba era dividida em setores estanques, com poucas concessões de um para

⁴ O automóvel desfilou nas ruas da cidade, com bastante dificuldade, em 1923, já que as ruas ainda não eram pavimentadas. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1949, p. 233).

⁵ O termo, aqui, refere-se ao grupo que residia na parte rica da cidade. Nos discursos ou nas memórias que “retratam” o período o termo é utilizado neste mesmo sentido. Não necessariamente a elite.

outro, principalmente de cima para baixo. Da elite, faziam parte o rapaz e a moça; da plebe, o caboclo e a cunhã. A segregação social era rígida e não admitia misturas.

A assistência médica era feita por quatro ou cinco médicos, com os seguintes critérios: atendiam à classe alta em suas casas; à classe média, em seus consultórios; aos pobres, na Santa Casa de Misericórdia, mantida em parte pela Prefeitura e em parte por doações da classe alta.

Existiam setores da sociedade que viviam marginalizados totalmente, comparáveis, talvez, somente aos intocáveis da Índia. Um desses setores compreendia as prostitutas do "Quartel General" da Quarenta, ou Q.G., como chamavam vulgarmente. Quando qualquer dessas infelizes contraía uma das pavorosas doenças da profissão, nenhum médico tinha "peito" para ir ao Q.G., ou atendê-la em seu consultório, pois a infeliz, como os párias da Índia, "maculava" o ambiente e nenhuma senhora, quer da classe alta, quer da classe média, poderia daí em diante frequentar aquele consultório contaminado por presença tão maculante (1984, p. 19).

Quando o autor diz que a elite não admitia misturas, trata não apenas do convívio social, mas de misturas que poderiam ser realizadas com a união de um membro da elite e outro do qual não se encaixava no perfil social adequado para este fim. A cor da pele também era levada em consideração, segundo Rubem Freitas, em seu livro *Parnaíba tem memória*, "não havia negros na *sociedade* [grifo nosso] e não temos notícia de moças brancas, da elite, casadas com homens de cor. Se houve exceção, foi raríssima" (p. 216). Desta forma a elite criava o ambiente adequado para a perpetuação de seu *status* social e da admiração que causava em seus visitantes.

Monsenhor Fernando Lopes, no Almanaque da Parnaíba de 1941, depois de passar pela cidade, descreve Parnaíba da seguinte forma:

Há na terra de Josias Correia, decano dos Parnahybanos distintos, um *crescendo* de vida e progresso que atrai o viajante que por ali passa. Povo viajado pela Europa, culto e hospitaleiro, o sobremodo pela delicadesa e atenção com que trata o seu hospede.

O seu commercio no grosso e no retalho, é extraordinario, dando bem o caracteristico da sua vida.

Em todos os setores do adeantamento, a cidade nortista, é, sem favor o ponto culminante do progresso Piauhyense (p. 37).

↯ Parnaíba progride, através de uma elite *vijada*, culta, que manda seus filhos estudar nos grandes centros do país e do mundo, que atrai os visitantes com seu jeito hospitaleiro, com sua benevolência cristã, com seu espírito acolhedor. Parnaíba, desta forma, não era conhecida simplesmente por seu poder econômico, mais também pelo fascínio que *sua gente* – a elite – transmitia a seus visitantes. O Dr. Leônidas de Castro Melo, Interventor do Piauí, em seu discurso de inauguração do monumento em

comemoração ao centenário da cidade de Parnaíba no ano de 1944, também nos revela este fascínio:

Quem como eu, há anos, observa e sente os hábitos e a vida da vossa cidade, sabe bem que Parnaíba não é apenas um centro de atividades construtoras, não é apenas a cidade comercial onde se estimula a economia e se elabora a riqueza do Estado. Quem a observar bem, há de sentir que acima das vozes e do tumulto do labor cotidiano paira a alma da sua gente, generosa e boa, que aqui realiza também obra verdadeiramente cristã, da mais nobre solidariedade humana. Motivo de orgulho a todos os brasileiros é a obra de benemerência social aqui levada a efeito (CORREA; LIMA, 1944, p. 32).

Acima de toda riqueza elaborada na cidade, que contribuía e confundia-se ao progresso piauiense, encontrava-se a elite “generosa e boa”, admirada, admirável, que fazia Parnaíba desfrutar de certa liberdade diante do resto do estado, sua aproximação com o exterior lhe dava um ar diferenciado, rebuscado, sofisticado.

Ares de uma cidade cosmopolita, onde suas ruas passam a desfrutar de uma diversidade arquitetônica – onde se mesclavam o colonial e o moderno – introduzida pela elite, para mostrar sua posição social também através dos traços, formas e modos de uso de sua residência.


O prefeito da cidade, no ano de 1944, Dr. Mirocles Campos Veras, em discurso, discorre da iniciativa de *sua gente*, para o desenvolvimento econômico:

A risonha cidade ribeirinha do interior piauiense pôde atingir o nível de adiantamento que hoje desfruta, aplaudida por todos que a conhecem, em ritmo constante e firme, graças à inteligência de seus filhos operosos e honestos, sempre devotados aos mais elevados interesses da terra querida, num trabalho árduo e contínuo de quem cumpre indeclinável dever cívico de engrandecê-la para servir a Patria (CORREA; LIMA, 1944, p. 34).


Sobre a elite, paira ainda, um sentimento comunitário/associativo, que possibilitou a elaboração e execução de propostas para a melhoria do setor comercial, como o transporte ferroviário, o porto de Amarração, dentre outros. De qualquer forma, este sentimento será responsável pela união da elite em busca do desenvolvimento econômico e do progresso da cidade, bem como de seus próprios interesses. E neste sentido a presença estrangeira em Parnaíba influência na construção deste sentimento associativo da elite.

2.3 A influência estrangeira.

Em seu período áureo, o progresso da cidade desenvolve-se pelos esforços da elite econômica local, que em 1917 fundam a Associação Comercial de Parnaíba (ACP), com o objetivo de ver a expansão de seus negócios e para servir como meio de representação junto ao Poder Público Estadual, com a finalidade de trazer melhorias, ou pelo menos tentando, para o setor econômico-exportador da cidade. Este espírito associativo que faz com que a elite econômica reúna-se em torno de instituições como a ACP, pode ser compreendido pelas palavras de Felipe Mendes:


 a influência cultural dos tripulantes de embarcações estrangeiras, da presença de imigrantes que se radicaram e de firmas representantes de empresas estrangeiras desenvolveu em Parnaíba um sentimento de responsabilidade comunitária e de associativismo sem paralelo no restante do Piauí, onde predominava o individualismo e o alheamento às causas públicas (1995, p. 74).

O progresso de Parnaíba, portanto, é uma realização deste espírito comunitário e associativo da elite parnaibana – o que faz com que seus interesses particulares confundam-se com os da cidade – ou seja, o progresso da cidade é uma realização da iniciativa privada, como cita Iweltman Mendes:


 A iniciativa privada em Parnaíba, na realidade era a força motriz do Progresso. Iniciativas governamentais eram bem poucas. Para se ter uma idéia somente em abril de 1922 foi fundado o primeiro estabelecimento de ensino, de caráter público (...). Se as contribuições por parte do governo Estadual eram poucas, por parte do governo Federal esperava-se uma única coisa: A construção do Porto de Amarração (1997, p. 35).

A presença estrangeira, observada por Felipe Mendes (1995, p.74), torna-se comum em Parnaíba graças às várias empresas que mantinham representações na cidade, onde “os nomes estrangeiros agregavam-se facilmente a vida cotidiana em Parnaíba. Rossbach Brazil; Lyon, Cowdrey e Wilson; Berringer e Co.; Booth e Co. Ltd.; Werner Schluempmann (...)” (NETO, 1993, p. 77), dentre outros nomes. Tudo isso, ocasionado pelo crescimento econômico da cidade, possibilitando a aproximação da cidade com a cultura estrangeira, bem como, das novidades do mercado industrial. Além disto, muitos dos filhos da elite local, ainda antes de 1914, no auge da exportação da borracha de maniçoba, iam

estudar em outros países, e ao regressarem à cidade, traziam consigo a mentalidade dos países ditos desenvolvidos. Mentalidade que se fará presente nas transformações do espaço urbano, ocorridas a partir da década de 1920.

O estrangeiro era sempre bem recebido, pois deles vinham o *status* atribuído à cidade. Eram, também, responsáveis por grande parte da riqueza que circulava, e pelo sentimento associativo que fez da iniciativa privada o “carro chefe” do surto econômico e cultural vivido em Parnaíba na primeira metade do século XX. Esta relação entre a sociedade parnaibana e o estrangeiro é descrita por Manuel Domingos Neto:

a família parnaibana recebia muito bem os estrangeiros. Estes movimentavam a cidade, davam-lhe ‘status’ de grande centro regional. Influenciavam fortemente a vida local, alterando a linguagem, os costumes, a mentalidade. O ‘ALMANACK’, refletindo bem o sentimento coletivo frente aos estrangeiros, tratava-os de forma enaltecadora. Os estrangeiros traziam algo de requinte, de refinado, de cosmopolita, à Parnaíba. Faziam-na, enfim, uma cidade ‘pas comme les autres’ (1993, p. 77).

Percebemos assim, que esta relação transcende o espaço material, o visível, diluindo-se pelas práticas cotidianas quase imperceptíveis. Este estreitamento entre culturas diferentes torna-se visível principalmente na arquitetura das residências construídas no período, no vestuário. Desta forma não só o estrangeiro, mas tudo aquilo que vinha do exterior tornava-se objeto de desejo e de *status* diante da sociedade parnaibana.

O momento comercial vivido atraía também pessoas dos estados vizinhos, como o Ceará e o Maranhão e, assim como os estrangeiros, fincavam suas raízes na cidade, dando início a construção de um sentimento de pertencimento, modificando e criando hábitos e valores essenciais para a formação de uma identidade parnaibana.

2.4 Modernização.

Visto que a economia parnaibana na primeira metade do século XX possibilitou a formação de um grupo privilegiado que absorveu novos valores, hábitos, práticas cotidianas, *inventando tradições*, etc., aproximando, ainda, a cidade com o exterior, seja pela ida de seus filhos para estudos, ou da vinda de estrangeiros, trazendo

consigo as inovações culturais, e a modernidade para o seio do espaço urbano da cidade, faz-se necessário discorrermos sobre a modernização, tendo em vista que a fundação do cassino 24 de Janeiro faz parte, também, deste processo.

Parnaíba, cidade de maior destaque do Piauí na primeira metade do século XX, vivendo um momento singular em suas atividades comerciais, usufruindo de um intenso progresso, inicia nesse contexto um processo de modernização que poderia ser percebido na atmosfera espacial, social e cultural, manifestando-se

na rápida aglomeração de pessoas, na febre de construções de grandes prédios e belas residências, na abertura de avenidas, no calçamento das ruas, na construção de praças. E também no aparecimento das maravilhas do mundo industrial, que rapidamente passam a integrar o cotidiano dos parnaibanos. A luz elétrica, os carros, o cinema, o rádio, o sorvete, novidades que o piauiense do interior demoraria um pouco mais a conhecer (NETO, 1993, p.76).

A cidade é modernizada e não poderia ficar de fora deste processo, que ultrapassava as fronteiras da Europa, modificando o espaço urbano das grandes cidades brasileiras. Esta onda de modernização fazia parte do progresso e Parnaíba vivia-o intensamente. As cidades que não se adequassem a esta nova ordem, constituíam-se como atrasadas. A elite inicia assim, as transformações necessárias para colocar Parnaíba dentro dos “padrões” modernos. A partir da década de 1920, este processo de modernização inicia-se com bastante força em vários setores:

- Na educação, com o desenvolvimento das escolas públicas, como o grupo escolar Miranda Osório, o Ginásio Parnaibano, a Escola Normal, até então a educação na cidade era realizada por particulares.
- Na economia, com a instalação de indústrias de transformação dos produtos extrativos, produtoras de óleos vegetais, refinaria de cera de carnaúba, curtumes.
- Na saúde, com a construção do Leprosário e logo após do Preventório Padre Damião, abrigando, respectivamente, os leprosos e os seus filhos; instalação da maternidade Dr. Marques Bastos; criação da Escola de Enfermagem; melhorias na Santa Casa de Misericórdia; dentre outras.
- Na cultura, com o lançamento em 1924 do Almanaque da Parnaíba, que se transforma no maior veículo disseminador da cultura parnaibana, utilizado hoje como referência de diversos pesquisadores e obras historiográficas; etc.

- No lazer, com a inauguração do Cine Teatro Édén, em 15 de novembro de 1924, e do clube Cassino 24 de Janeiro, em 1925, que se transforma no *símbolo* máximo do luxo e da riqueza da elite da cidade; etc.
- Nos transportes, com a chegada da ferrovia; o estabelecimento de linhas aéreas regulares, feitas por hidroaviões; etc.

Estas são apenas algumas das transformações ocorridas na cidade durante seu período áureo da economia.

De acordo com Elys Regina de Oliveira Lima, é neste momento (década de 1920) que as elites passam a preocupar-se com o traçado urbano da cidade:

(...) as elites despertam para a necessidade de remodelar a cidade, uma tentativa de adequá-la aos moldes “modernos” do período. Há empenho em modificar a estrutura da cidade, transformando o seu aspecto urbanístico. Entre os anos de 1930 e 1940, momento de transformações políticas que irão repercutir sobremaneira nos modos de pensar e viver da cidade, que o empenho das elites em modificar o traçado urbanístico da cidade se farão sentir mais fortemente (2005, p. 212).

Parnaíba transforma-se em um imenso canteiro de obras, sofrendo alterações para dar uma feição moderna à cidade. Essa modernização pode ser percebida ainda, pela construção de um grande número de casas residenciais com estilo europeu nas ruas da cidade.

Estes aspectos da realidade parnaibana, apenas insinuam um todo que a História jamais conseguiu abarcar, e que permitem diversos olhares para muitos outros trabalhos. Por isso, o propósito deste Capítulo, além de contextualizar a Parnaíba em seu momento de grande desenvolvimento, causado pelo seu rico comércio, é mostrar o processo ocorrido em Parnaíba – como centro comercial do Piauí e de cidades circunvizinhas dos estados do Maranhão e Ceará – que provocou o crescimento de uma elite, que cuidará para que seus interesses sejam mantidos, e sua riqueza se prolongue. Riqueza esta, que trás uma onda de progresso e as transformações que o mesmo provoca, a partir de um relacionamento íntimo com a cultura européia, inventando tradições. Entre estas transformações que mudaram os valores, e os hábitos cotidianos, e tornaram-se parte integrante da cidade na memória daqueles que ali viveram, está o clube cassino 24 de Janeiro, que preencheu de sonhos, sensações e paixões o *aqui e agora* desse contexto, que se tornou fundamental para a constituição da identidade parnaibana. O cassino 24 de Janeiro, lugar de lazer da elite parnaibana, e *símbolo* da riqueza, do requinte e da segregação social promovida pela elite naquele período, nasce destas mudanças, e cresce

na mentalidade do período imbricando-se na cidade de tal forma que se torna quase impraticável, para aqueles que vivenciaram àquele período, não lembrar-se do cassino, seja pelo luxo, requinte, festas magníficas ou pelo simples fato de constituir-se como um mecanismo de exclusão social, determinando quem poderia ou não fazer parte daquela elite.

3 CLUBE CASSINO 24 DE JANEIRO: A CONSTRUÇÃO DE UM SÍMBOLO DA SOCIEDADE PARNAIBANA.

As noites de baile no Cassino 24 de Janeiro foram apoteóticas. Os salões perfeitamente ornamentados com flores em forma de guirlanda, finas cortinas rendadas esvoaçantes às janelas, iluminação digna, davam a impressão de um paraíso terrestre, onde se ouvia os sons maviosos da orquestra que deixava espargir no ar os mais belos e sensíveis acordes musicais. Pares entrelaçados num amplexo amoroso, lentamente dançando, moviam-se deslizando pelos salões inebriados pelo som dos boleros, tangos, valsas etc. (ARAÚJO, 2002, p. 120).

Decorrente das transformações ocorridas na primeira metade do século XX em Parnaíba, das quais tratamos no Capítulo anterior, encontramos o clube cassino 24 de Janeiro, inaugurado em 24 de Janeiro de 1925, tendo como idealizadores de sua criação os senhores Celso Augusto de Moura Nunes, Acrísio de Paiva Furtado e José Cristiano Carneiro. Quando estes divulgam a idéia entre a elite, imediatamente outros passam a fazer parte desta proposta de fundar um clube que pudesse acolhê-los. Eram eles, os senhores Dr. Merval Vêras, Dr. Antonio Neves, Srs. Josias Santiago e C. V. Reade. Logo, com o apoio de figuras tão ilustres da sociedade a idéia foi então efetivada. Segundo Ailton Ponte, Parnaíba não contava com um clube para as reuniões de confraternização da *sociedade*, sendo os saraus da casa do Sr. Cristiano Carneiro frequentado por toda a elite (texto cedido em 26/06/2008).

A idéia de fundação do clube dar-se através das mudanças advindas do florescimento econômico, que possibilitou o crescimento da elite parnaibana. Por isso, os lugares em que se realizavam os luxuosos bailes da elite, como a Casa Inglesa e a casa do Sr. Cristiano Carneiro, tornaram-se pequenos para acolher um grande número de pessoas. Junte-se isto ao processo de modernização das grandes cidades brasileiras – refletindo-se também na cidade de Parnaíba – e a aproximação de Parnaíba com o exterior, que transformaram os hábitos cotidianos na cidade, inserindo principalmente certos hábitos franceses, agregando novas formas de lazer e lugares exclusivos para o divertimento da elite, e para acolher figuras ilustres que aqui estivessem por visitar.

Sua primeira diretoria foi constituída através de votação em 11 de Janeiro de 1925 onde a encontramos da seguinte forma:

Presidente: Dr. Antonio de Almeida Neves;

Vice-presidente: Celso Augusto de Moura Nunes;

Primeiro secretário: Acrísio de Paiva Furtado;

Segundo secretário: José Cristiano Carneiro;

Tesoureiro: Josias Freire Santiago.

A diretoria do clube tinha mandato de quatro anos, onde se sucediam novas eleições para a composição de uma nova diretoria ou reeleição da mesma, para dar continuidade aos objetivos da elite em torno do clube.

Festa de posse, a 24 de Janeiro
de 1937, da Diretoria reeleita
pela 2ª vez.

Presidente - Acrísio Furtado
Vice-Presidente - Cristiano Carneiro
1º Secretário - Dr. João Silva Filho
2º Secretário - Darci Mavignier
Tesoureiro - Alberto Silva

Figura 1: Convide da festa de posse da diretoria de 1937. Conteúdo: festa de posse, a 24 de Janeiro de 1937, da diretoria reeleita pela 2ª vez. Presidente – Acrísio Furtado; vice-presidente – Cristiano Carneiro; 1º secretário – Dr. João Silva Filho; 2º secretário – Darci Mavignier; tesoureiro – Alberto Silva.

Fonte: Acervo particular de Ailton Vasconcelos Ponte.

O clube teve sua primeira sede na Travessa da Glória, hoje Rua Monsenhor Joaquim Lopes, no palacete da senhora Laura Veras, como nos conta SILVA: “e sua inauguração se deu naquela data, 24 de Janeiro de 1925, com suntuoso baile no palacete de sua primeira sede a Travessa da Glória nº. 591(...)” (1987, p. 229). Posteriormente, com a aquisição de prédio próprio, mudou-se para Rua do Miranda (Alcenor Candeira), esquina com a Rua Grande (Presidente Vargas) – considerada como a rua dos ricos – na antiga residência do Coronel Josias Benedito de Moraes, onde permaneceu até a sua demolição para a construção do prédio da então Telepisa.

Situado ali, à Avenida Presidente Vargas, esquina com a Rua Alcenor Candeira antiga Rua do Miranda, ficava o Cassino 24 de Janeiro.

Era um bonito prédio, em estilo colonial e, bem adaptado com as modificações feitas.

Nas últimas décadas do século passado e nas primeiras do século XX, o mencionado prédio fora a luxuosa residência da ilustre família do coronel Josias Benedito de Moraes (SILVA, 1987, p. 229).

A estrutura física do prédio foi modificada para receber as características de um clube recreativo. Desta forma passou a contar

com dois salões de dança, local destacado para orquestra, salão com duas mesas de bilhar-francês, quadra cimentada para volei, tênis e basquete, um salãozinho camuflado para jogos de cartas (onde muita gente boa deixou o 'pelo', em acirradas partidas de poquer) e bar com serviço ligeiro, em que predominavam os sanduíches, bolinhos salgados e pastéis. Não havia restaurante (REBELO, p. 56).

Aquele espaço antes residencial ostentava agora uma elite debruçada no fausto, por isso o luxo do lugar deveria estar de acordo com o luxo de seus frequentadores. Neste sentido, todo o requinte da elite seria transmitido para as dependências do clube, o que dava ao lugar um *status*, um refinamento que não se via em outro ambiente social da cidade.

Sobre as partidas de baralho que se realizavam, segundo encontramos em Sólina Genuína dos Santos, Benedicto dos Santos Lima, o *Bembém*, como era conhecido, “(...) exagerou um pouco nos baralhos do cassino 24 de Janeiro, chegando até a abalar as suas finanças com o jogo apostado (...)” (1993, p. 35), como ele outros também perderam muito dinheiro no clube.

O termo cassino estava na moda daquele contexto (SANTUCCI, 2005, p. 38), muitos clubes, teatros, hotéis espalhados pelo Brasil também ostentavam o termo em seus nomes, pois o mesmo, em si, carregava um significado que se envolve intensamente à cultura daqueles que os frequentavam. Na etimologia do termo, no dicionário eletrônico Hauaiss 2.0, encontramos: “fr. *casino* (1740) 'casa de prazer', do it. *casino*, lit. 'pequena casa', (1584) 'residência senhoril, rústica', (1665) 'lugar de reunião para leitura, jogo, conversação', (1706) 'prostíbulo' e 'casa de jogo'; (...)” (2007). Como os hábitos franceses eram os mais difundidos no cotidiano das elites brasileiras, e conseqüentemente parnaibana, nos apropriamos do significado francês do termo.

O clube parnaibano neste sentido era uma “casa de prazer” da elite, onde os momentos eram desfrutados através de danças, jogos, torneios esportivos, etc. E 24 de

Janeiro, ¹⁹¹⁷ é em homenagem a data histórica em que Oeiras aderiu à causa da independência da Província do Piauí.

No livro em homenagem ao centenário da Parnaíba encontramos que as “(...) fontes de rendas [do clube] são as contribuições de seus associados e o rendimento do bar que possui” e ainda, que “a finalidade do clube é a união fraternal entre a *sociedade* [grifo nosso] parnaibana, o seu bem estar moral e espiritual, o intercambio de amizade e cultura com as outras sociedades, e o progresso do Município, do Estado e do País” (CORREA; LIMA, 1944, p. 215). Por isso imaginar o clube como um Cassino, repleto de jogos de azar, não fazem jus ao que o clube realmente significava para a cidade. Seu luxo, requinte e deslumbre, que causavam em seus frequentadores um misto de sentimentos e sensações, onde pareciam estar num *paraíso terrestre*, são reflexos de um *poder simbólico*, causado pela legitimação do clube pela elite e da elite pelo clube. Participar dos bailes era desfrutar de uma *cultura superior*, era se ver superior àqueles que não podia fazê-lo. Assim, poder, pelo menos, entrar nas instalações em comemorações que não eram realizadas pela elite sócia do clube, já era motivo de orgulho para aqueles que a realizavam, pois nos bailes dos associados – “a rigor” – seria muito difícil ter acesso ao clube, visto que, isto era privilegio de poucos.

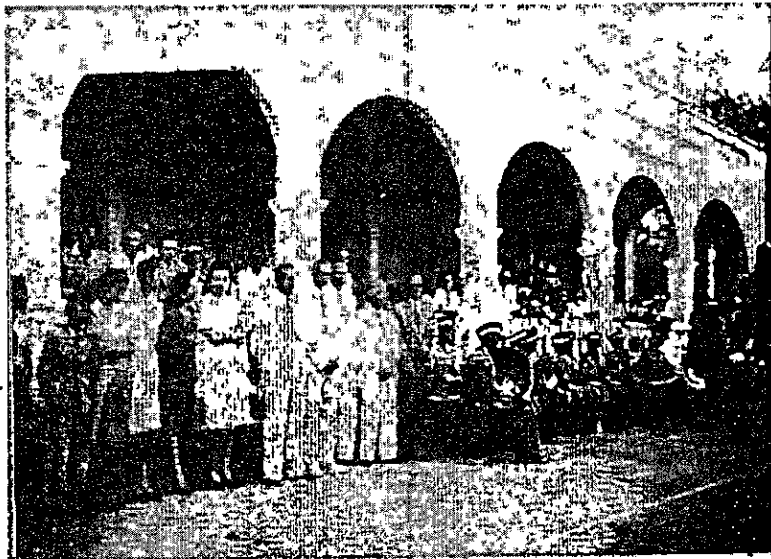


Figura 2: Cassino 24 de janeiro em uma de suas festividades. Na imagem podemos perceber um pouco da beleza arquitetônica do clube, além do luxo de seus frequentadores, sempre impecáveis em seus trajes e a orquestra, que fazia a felicidade dos dançantes.

Fonte: Almanaque da Parnaíba 1994

No clube não se realizavam apenas os bailes da elite, mais também torneios esportivos, de homens e mulheres, e

quase todos os eventos sociais de Parnaíba, tais como: palestras cerimoniais belíssimas de colação de grau dos estabelecimentos de ensino, concertos de piano, show de artistas nacionais de renome campanhas inesquecíveis como a da construção do Preventório Padre Damião (...) (SILVA, 1987, p. 229).

Somente através destes outros eventos ou a convite dos sócios, é que era possível, para aqueles que não eram associados, participar de comemorações no clube. “Parnaíba sempre teve uma *sociedade* [grifo nosso] altamente requintada e, entrar no ‘casino’ para participar de festas, quem não fosse associado, era difícil, difficilimo. Só mesmo nas festas de colação de grau” (FREITAS, 2007, p. 216). Como então conseguir fazer parte do “clube dos ricos”?

Para fazer parte do clube era essencial fazer parte da elite. E como alguém poderia ser considerado como pertencente à elite? De acordo com nossas pesquisas, podemos identificar aspectos em comum, a este grupo de privilegiados. São eles:

1º - possuir condição econômica favorável era componente primordial, a riqueza possuída com as atividades comerciais ou cargos importantes, como tratamos no Capítulo anterior, era componente obrigatório, porém a forma de desfrute desta riqueza também era levado em consideração;

2º - pelo sobrenome, ou seja, as famílias tradicionais que aqui residiam ou para cá vieram no período, mas que se encaixasse nos outros itens;

3º - ter estima pelo grupo já estabelecido como a elite da cidade, caso contrário, poderiam ser rico, mas não fazer parte da elite.

Estes aspectos eram fundamentais para alguém se tornar sócio do clube, no entanto, não eram regras formalmente instituídas, mas um componente tácito.

O 3º aspecto tinha muita importância para tal feito, já que ser rico não era o suficiente para transformar-se em sócio do cassino, pois

o poder econômico puro e simples e sobretudo ‘a força nua do dinheiro’ não constituem, necessariamente, um fundamento reconhecido do prestígio social (...), os grupos de *status* se definem menos por um ter do que por um ser, irredutível a seu ter, menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens, pois a busca da distinção pode introduzir uma forma inimitável de raridade, a raridade da arte de bem consumir capaz de tornar raro o bem de consumo mais trivial (BOURDIEU, 2007, p. 14-15).

Havia assim, a necessidade da “aprovação” pela elite frequentadora do clube. Por isto, alguém que quisesse sê-lo, mas tivesse algum problema de relacionamento com algum dos sócios, dificultaria bastante a sua entrada e associação ao clube. Para aqueles que queriam associar-se pouco interessava o fato do clube causar uma ruptura na sociedade parnaibana, funcionando como mecanismo de exclusão social. No Almanaque da Parnaíba de 1995, Benjamim Santos, no texto denominado *A partir de Alice*, coloca que seu pai, Bembém, ao ter seus negócios desenvolvendo-se e lhe trazendo certa riqueza “(...) se fez sócio do Cassino e da Caixeiral. Pouco se incomodava se o Cassino havia se tornado a casa que separava a cidade entre os que podiam e os que não podiam frequentar os bailes” (p. 54). Mas através de nossas pesquisas temos que Bembém era muito carismático e querido pela *sociedade*, além de grande intelectual, daí a facilidade da associação.

Entendemos que o clube faz parte da *invenção* de novas *tradições* para legitimar o grupo privilegiado da cidade, já que é neste contexto que se cria uma identidade para a cidade. Identidade construída a partir dos interesses da elite parnaibana, que como dissemos no Capítulo anterior, trata-se de um grupo diferenciado por está em contado constante com a cultura estrangeira e por isto carregava em si os signos de uma *cultura erudita*.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (...) O passado real ou forjado a que elas se referem impõem práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. (...) Inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBSBAWM, 2006, p. 9-13).

O cassino, desta forma, em suas práticas ritualizantes e ritualizadas, parece inserir-se na sociedade, simbolizando a aceitabilidade de um determinado grupo social, dando-lhe *status*, através de um sistema de valores e padrões de comportamento. Neste sentido o clube perpassa pelas três categorias descritas por Eric Hobsbawm:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento (2006, p. 17).

Os bailes do clube, tidos como os mais elegantes e perfeitos que já foram realizados em Parnaíba (CORREA; LIMA, 1944, p. 360), transmitiam aos seus participantes um conjunto de signos que os envolviam e transcendiam aos limites físicos e espaciais do clube, exercendo um poder silencioso, quase imperceptível, onde seus agentes não sabiam ou não pensavam em exercer nem tão pouco que estavam sujeitos a ele, transformando-se no que Bourdieu chama de *poder simbólico* (1989, p. 7-8). O cassino só pode ser considerado como um *símbolo* através da linguagem que o constituiu, que lhe deu o *status* de poder ser o que foi. Neste sentido esta linguagem confunde-se com o clube, tornando o próprio cassino um “(...) instrumento por excelência da ‘integração social’ (...)” (BOURDIEU, 1989, p. 10), ou seja, um *símbolo*.

Impossível seria esquecer o ‘Casino 24 de Janeiro’, a casa da alegria, templo da beleza, a colmeia sublime onde saltitam as notas musicais pousando nas rosas e cravos da beleza feminina. Nessa casa encontramos o coração parnaibano e este nos foi dado; e nós humildes caravaneiros ao levantarmos a taça simbólica declaramo-nos cidadãos parnaibanos para honra e orgulho nosso; (...) (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1941, p. 271).

O trecho nos transmite o deslumbre que era estar presente em um baile e o significado do clube para os visitantes ilustres que aqui, confraternizavam-se com uma parcela da sociedade parnaibana.

“*O coração parnaibano*”, o *orgão* que possibilita o funcionamento do *sistema circulatório* de um corpo. O cassino impulsionava as relações sociais da elite, permitindo que o *espírito* comunitário entre os mesmos funcionassem em plena harmonia.

As memórias e os textos da época que tratam sobre a importância do clube para a cidade, o confundem, o transformam na própria cidade, mas esta cidade que encontramos em tais documentos é a dos ricos.

O CASSINO 24 DE JANEIRO, convém ressaltar-se é um clube que faz parte da vida da cidade (...). Integrou-se o clube de tal maneira na vida de Parnaíba que dificilmente o historiador do futuro, poderá separar a vida social da cidade da de seu clube pioneiro (REVISTA DA PARNAÍBA, 1961, p. 39).

Whisky⁺⁺⁺(francês), cavalheiros vestidos de *summers jackets* ou, para os que não o possuíam, terno branco com gravatinha borboleta, preta ou vermelha; sapatos de verniz ou pélica alemã e perfume francês; a mesma mesa; o salão bem iluminado e ao fundo a

orquestra tocando suavemente os acordes musicais, envolvendo os dançantes em ritmos que a floravam sua sensibilidade, dando uma leveza aos casais sobre o assoalho de tábuas impecavelmente brilhante. “Foram noites mergulhadas no aroma das flores, embaladas pelo perfume e afetos reinantes entre os dançarinos. Jamais serão esquecidos aqueles bailes que ocupando o espaço perfumado, perduram no tempo” (ARAÚJO, 2002, p. 121).

As mulheres nunca repetiam os longos vestidos, havendo toda uma disciplina para se comportarem no clube, principalmente as moças solteiras. “Lugar de liberação, os bailes, ao mesmo tempo, sob a vigilância dos pais, eram lugar de controle, principalmente da mulher.” (QUEIROZ, 1994, p.49). A disciplina era fundamental também com seus funcionários, pois não poderiam exceder no trato com os sócios e convidados.

O rapaz nunca dançava com a mesma moça mais de um "pulado". Se ficasse conversando no salão até a próxima contradança, implicaria em namoro ou coisa mais séria. As moças só entravam no clube acompanhadas de seus pais ou familiares. Moça sozinha, nunca! Não era de bom tom; se alguma a tal se aventurasse, estava na boca do povo (ARAKEN, 1988, p. 43).

O “sereno”, como eram conhecidos os que ficavam do lado de fora dos eventos só observando o que ocorria, transformava-se em um espetáculo a parte. Segundo Carlos Araken, havia uma confraternização entre a elite, dentro do clube, e o “sereno” durante os bailes. Estes garantiam seus lugares nas janelas logo cedo e

era composto por pessoas também da *sociedade*, que por um motivo ou por outro, não podiam participar diretamente da festa, e se acotovelavam e equilibravam num espaço exíguo, a fim, de não perder um lance sequer do que se passava no salão. Diziam muito, que, o próprio era mais divertido que o baile (1988, p. 42). [grifo nosso]

Aqueles que não eram convidados ou que não tinham as características adequadas para se associarem, participavam, mesmo que por entre as janelas, de todos os momentos do baile, distribuindo aplausos e vaias de acordo com os acontecimentos ocorridos no salão do cassino.

O fascínio causado pelo clube atraía grande parte daqueles que faziam parte da *sociedade* parnaibana, mas que não podiam frequentá-lo, por isso conseguir um *status* social suficiente para fazer parte da elite sócia do clube tornava-se um objetivo a ser alcançado.



Figura 3: A elite em torno do salão do cassino. Onde podemos observar os trajes, a arquitetura das janelas, o salão com seu brilho impecável. E o disciplinamento das mulheres.

Fonte: acervo particular de Ailton Vasconcelos Ponte.

As imagens do passado (...) evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente (LE GOFF, 1990, p. 467).

As memórias sobre o clube guardam em si um sentimentalismo recorrente das saudades de um tempo de juventude, um tempo de riqueza e de um simbolismo criado no seio da elite, através das *marcas de distinção*, que com o crescimento da cidade e as transformações no cenário espacial, cultural e social dos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, parecem desaparecer, e recorrer às lembranças daquele tempo, daquele clube, parecem trazer de volta a felicidade, as sensações e paixões decorrentes do *status* que desfrutavam. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 477).

Nossas fontes, em sua grande maioria, são memórias de pessoas que viveram aquele período e frequentaram o clube, fazendo-se escritas nos anos posteriores, dos quais, como já foi colocado, Parnaíba não despontava mais como pólo econômico piauiense, o que desagregou a elite, descaracterizando os seus mecanismos de *distinção social*. Assim fragmentando a então identidade parnaibana.

Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, *obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma amnésia coletiva*, [grifo nosso] que se exprime desajeitadamente na *moda retro*, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem (LE GOFF, 1990, p. 473).

Neste sentido, as memórias sobre o clube cassino 24 de Janeiro seriam então, uma busca desta identidade que se perdia com as transformações pós-1945? Só neste período, nesta busca, é que o clube constituiu-se como símbolo?

Afirmar esta segunda questão é negar a importância do clube no período estudado, é descartar o *poder simbólico* que o clube exercia sobre a *sociedade* parnaibana. As memórias contribuíram para que a história do clube não se perdesse com o tempo, ao mesmo tempo em que as lembranças do clube, descritas de forma poética e apaixonante, são necessariamente por conta dos significados que o mesmo teve enquanto *marca de distinção*, onde os sujeitos diferenciavam-se de outros grupos e assemelhavam-se ao seu. Assim entendemos que a resposta para a primeira questão seria sim, as saudades de uma época, a perda de uma identidade una, transferem para os remanescentes desta elite as lembranças de um tempo que não volta mais e expor suas memórias é uma forma de não deixar que aquele tempo seja esquecido.

Como discurremos no início do Capítulo o cassino foi uma realização da elite para a elite, o que o caracteriza como uma *cultura erudita*, e é exatamente nisto que consiste o *valor simbólico* do cassino, ou seja, o clube com seus *desvios diferenciais* tornasse um lugar de *distinção social*, uma *tradição inventada* pela elite para a própria elite.

Deve-se levar em conta que a procura consciente ou inconsciente da distinção toma inevitavelmente a forma de uma busca do *refinamento* e pressupõe o domínio das regras desses jogos refinados que são monopólio dos homens cultivados de uma sociedade (BOURDIEU, 2007, p. 21).

Nisto implica dizer que a estrutura física do clube, em si, não possuía um simbolismo – a não ser pela sua arquitetura colonial e como *lugar de memória*. O que o legitimava como tal era a troca de reconhecimento, pois um passa a ser reconhecido no outro. Daí o querer participar de alguma comemoração do clube, mesmo que não fosse realizado pela elite⁶. Logo, o que deu este *status* ao clube foram os bailes realizados pela elite, nestes consistiam a ritualização e o valor *simbólico* e cultural do espaço. Assim o clube e a elite, no que consiste seus signos de reconhecimento, tornam-se *indivisíveis*, são o *coração da cidade*.

O cassino deixa de ser, por isso um lugar de lazer de um grupo social, para se transformar em uma “(...) instituição [como coloca Bourdieu] de legitimação por excelência (...)” (2007, p. 120) para salvaguardar a cultura produzida pela elite, ou seja, é o palco essencial para a conservação e consolidação dos valores morais, sociais e culturais produzidos pela elite.

A hierarquia que é estabelecida com a legitimação do cassino como lugar de uma *cultura erudita*, faz com que se distinga a partir de seu próprio nome, que passa a carregar em si valores e sentidos que só foram possíveis graças à elite, causando uma *devoção*. O que nos leva a uma ritualização das práticas exercidas pelos agentes sociais, no clube e sobre o clube. O cassino era digno de integrar e ser integrado pela elite, sendo, em comparação a outros espaços da cidade, um indicador de *hierarquia dominante*.

O fato de pessoas que não eram associadas ao clube frequentá-lo em alguns momentos, não os integravam como pertencentes àquele espaço, nem dava uma menor importância ao clube, pois os significados que pairam sobre ele são indiscutivelmente consagrados socialmente.

Então em busca de elucidar nossa questão inicial, entendemos que o clube significou para aquele período, muito mais do que poderíamos presumir. Lazer, identidade, símbolo, tradição, fascínio e admiração fazem parte da história do clube. Criado para o lazer da elite transforma-se efetivamente em *símbolo*, através de um sistema de *legitimação* e *distinção* social, impondo modos e signos, por isso, não era o espaço físico, mas a forma como ele era utilizado que lhe transformou em *símbolo* e unificador da identidade parnaibana daquela *sociedade*.

⁶ Já tratamos anteriormente desta questão.

4 CONCLUSÃO

Refletir sobre o cassino 24 de Janeiro, nos remete ao estudo de um contexto mais amplo, pois o clube em si não caracterizaria algo significativo para um trabalho de pesquisa na área de História, pois seu significado esta no momento e na forma como ele foi produzido.

Neste sentido, falar sobre o clube esquecendo o momento econômico vivido em Parnaíba não faria sentido, pelo menos para elucidar nosso questionamento. Atribuí-lo um significado simbólico sem compreender o que ele realmente representou e para quem representou, em seu *aqui e agora*, implicaria uma análise vazia. Para nós o contexto de produção do clube é tão significativo quanto o próprio clube, pois é dele e a partir dele que o clube se tornou o que foi.

Parnaíba, cidade pólo, irradiadora de cultura, na primeira metade do século XX. Cenário diferenciado das outras cidades do Piauí, por seu *status*, adquirido através de sua economia. Cidade fascinante, de *gente* hospitaleira, em uma busca incessante pelo progresso. Nas ruas, nas residências, nos costumes, nas tradições, percebe-se as transformações. A *sociedade*, unida por um *espírito* comunitário decorrente da forte presença estrangeira, “lutava” para trazer, cada vez mais, o progresso para a cidade, mas na realidade eram seus próprios interesses que defendiam.

A riqueza cultivada pela elite da cidade era bem menos importante do que a forma como a utilizavam, e os atributos com ela intrínsecos, em grande parte percebidos quando da associação ao cassino 24 de Janeiro.

Lugar da elite, templo de *distinção social*, unificador e constituidor da identidade parnaibana. Assim o entendemos, no que nos é representado nas memórias daqueles que ali frequentaram, e diferenciaram-se por isso, de outros grupos sociais. O medo do novo, de um mundo diferente daquele, fazem com que busquem refúgio naquele tempo. Tempo de juventude, de hierarquia rígida, de *status* social, perdido, ou menos visível com as transformações pós-1945.

No entanto, o cassino 24 de Janeiro não se constitui como um *símbolo* na ausência, mas nos signos atribuídos a ele em seu *aqui e agora*, no poder invisível e por isso simbólico, sofrido e realizado pelos sujeitos que ali se estabeleciam como superiores ao demais – àqueles que não podiam, por algum motivo, frequentar os bailes “a rigor” e o restante da população.

Neste sentido o cassino só pode ser diferenciado dos demais espaços sociais paranaibanos pela *cultura erudita* nele presente, tendo em vista, que ele é uma construção da elite para a própria elite, e assim transforma-se em mecanismo de *distinção social*, e indicador de uma *hierarquia dominante*.

Associar-se ao clube exigia uma série de componentes significantes, e frequentar um baile “a rigor”, para não associados, era muito difícil, porém outras festividades que se realizavam no clube, poderiam ser frequentadas por não associados, bastando com isso serem convidados pelos realizadores das comemorações.

Este fato não tirava o valor do clube, pois este já estava legitimado, e participar destas festas tinham muito significado para aqueles que não podiam usufruir os bailes “a rigor”.

Concluindo, o cassino 24 de Janeiro não era apenas um lugar de lazer da elite. Construído para este fim, torna-se *símbolo* de conservação, legitimação e mecanismo de *distinção social*.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1932.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1933.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1937.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1941.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1943.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1949.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1979.

ALMANAQUE DA PARNAIBA, 1994.

ALMANAQUE DA PARNAIBA, 1995.

ARAKEN, Carlos. *Estórias de uma cidade-muito amada*. [s.n.], 1988.

ARAÚJO, Maria Elita Santos de. *Parnaíba O Espaço e o Tempo*. Parnaíba: [s.n.], 2002.

CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos et all (org.). *O livro do centenário de Parnaíba: documentários da cidade, estudos históricos, conograficos, estatístico e social do município de Parnaíba*.Parnaíba-PI: Gráfica Americana, 1944.

FREITAS, Rubens. *Parnaíba tem memória*. Parnaíba-PI: Gráfica e cópias, 2007.

HOUAISS, Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa. Versão monousuário 2.0, Objetiva Ltda, Janeiro de 2007.

MENDES, Iweltman. *A Associação Comercial de Parnaíba*. 2 ed. Parnaíba: [s.n.], 1997.

NETO, Manuel Domingos. A Trajetória do “Almanaque da Parnaíba”. In: SANTOS, O. L. dos et all (org.). *Benedicto dos Santos Lima*. Intelectual autodidata. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1993.

O BEMBÉM, ano 01, nº 01.

O BEMBÉM, ano 03, nº 26.

O BEMBÉM, ano 03, nº 29.

O BEMBÉM, ano 03, nº 30.

PONTE, Ailton Vasconcelos. Texto cedido em 26/06/2008.

REBELO, Goeth Pires de Lima. *Tempos que não voltam mais*. Crônicas sobre a Parnaíba Antiga. Parnaíba: [s.n.] 1984.

REVISTA DA PARNAÍBA, nº 2, ano II, 1961.

SANTANA, Judith. *Parnaíba*. Parnaíba: COMEPI, 1982.

SANTOS, Sólina Genuína dos. Benedicto dos Santos Lima: sua vida, uma história. In: SANTOS, O. L. dos et all (org.). *Benedicto dos Santos Lima*. Intelectual autodidata. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1993.

SILVA, Maria da Penha Fonte e. *Parnaíba, minha terra*. [s.n.]. 1987.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Carlos Henriques de. *Sem lenço, sem documento: uma viagem inesquecível*. Teresina-PI: PiauÍPel, 2005.

ARAÚJO, José Luis Lopes. *O rastro da carnaúba no Piauí*. Revista Mosaico, v.1, n.2, p.198-205, jul./dez., 2008.

BARNABÉ, Israel Roberto. *Elite, classe social e poder local*. Disponível em: <<http://200.145.78.103/index.php/estudos/article/viewFile/384/278>>. Acessado em 08/06/2010.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. Ed. São Paulo: brasiliensê, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. Formação social. In: SANTANA, R. N. Monteiro de et all (org.). *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 13-40.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Unesp, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Dominios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

HEINZ, Flávio M.. *Por outra história das elites*. São Paulo: FGV, 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas – SP: UNICAMPI, 1990.

LIMA, Elys Regina de Oliveira. Impactos da Modernidade: Parnaíba no início do século XX. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Souza et all (org.). *Fragments históricos: Experiências de pesquisa no Piauí*. Parnaíba, Piauí: Sieart, 2005, p. 207-214.

MALFATTI, Selvino Antonio. *A teoria das elites como uma ideologia para perpetuação no governo*. Disponível em: <<http://www.unifra.br/thaumazein/edicao2/artigos/ateoria.pdf>> Acessado em 08/06/2010.

MELO, Neuza Brito de Arêa Leão; ELIAS, Juliana Lopes. *Parnaíba eclética: um estudo da história através da arquitetura presente na paisagem urbana*. Disponível em: <<http://www.epihcu.com.br/artigos/Neuza%20Brito%20de%20Area%20Leao%20Melo.do>> Acessado em 08/06/2010.

MENDES, Felipe. Formação econômica. In: SANTANA, R. N. Monteiro de et all (org.). *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 55-81.

NUNES, Maria Célis Portella; ABREU, Irlane Gonçalves de. Vilas e cidades do Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de et all (org.). *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 83-111.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte - MG:Autêntica, 2004.

QUEIROZ, Teresinha de J. M. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. 2 ed. Teresina: EDUFPI, 1998.

_____. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

ROBSBAWN, Eric. *Introdução : a Invenção das Tradições*. In: ROBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006, p. 9-23.

ROCHA, Leandro Mendes; GANDARA, Gercinair Silvério. *A presença francesa no Piauí do século XIX*. *História Revista, Goiânia*, v. 14, n. 1, p. 291-309, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/historia/article/viewFile/8180/5875>>. Acessado em 10/06/2010.

SANTUCCI, Jane. *O silêncio dos cassinos*. *Nossa História*, ano 3/nº 35. Vera Cruz Setembro 2006, p. 36-42.

_____. *Os pavilhões do Passeio Público: Theatro Casino e Casino Beira-Mar*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

TAJRA, Jesus Elias; FILHO, Jesus Elias Tajra. O comércio e a indústria no Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de et all (org.). *Piauí: Formação – Desenvolvimento – Perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 133-158.